

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, SETEMBRO/2012 - ANO XV - Nº 188

EDITORIAL

Com tantos escândalos noticiados, muitas pessoas concluem que todos os candidatos são igualmente corruptos. Enganam-se! Existem ainda muitas pessoas de caráter, com princípios e valores que não lhes permitem pactuar com o modelo errado de política e acreditam que se pode trabalhar em prol do bem comum sem se corromper.

Chegada a hora de escolhermos prefeitos e vereadores, é importante que analisemos desapassionadamente os que poderão estar à frente das administrações municipais. O passado do candidato e sua história de vida são fundamentais. Precisamos escolher os que têm capacidade para participar das decisões importantes de nossas cidades e que saibam distinguir entre o bom e o ruim, o que queremos e o que rejeitamos. Daí a importância da escolha: é preciso que o candidato mostre que é diferente de tudo o que vimos até agora, que tenha preparo intelectual e técnico, que seja ético e responsável. Prefeito e vereadores devem promover o bem comum. Veja se seus candidatos são comprometidos com a justiça e a solidariedade social, com a dignidade da pessoa, com a cultura da paz e o respeito pleno pela vida. Esses valores são fundamentais e irrenunciáveis.

Avalie se o candidato tem propostas realistas e viáveis para promover políticas que beneficiem a cidade como um todo e se tem capacidade de administrá-la. Fique atento e denuncie toda prática de corrupção eleitoral. Dê seu voto de forma consciente – não decida na última hora, não o dê a quem já esteve envolvido em corrupção, não o venda nem o troque por favores: o voto reflete sua dignidade e pode contribuir para que superemos a corrupção na política.

Procure conhecer as ideias defendidas pelos candidatos. Questione se os candidatos estão dispostos a legislar e administrar de forma transparente, aceitando mecanismos de controle por parte da sociedade. Candidatos com histórico de corrupção ou má gestão dos recursos públicos não devem receber seu apoio nas eleições.

O voto é essencial. Lembre-se, porém, de que votar não é tudo – você deve, ainda, ficar de olho: acompanhar, depois do pleito, as ações e decisões políticas, legislativas e administrativas de seus governantes, para cobrar deles coerência em relação às promessas de campanha e para apoiar todos os seus acertos.



Foto Arquivo Pró-Memória

As eleições são uma grande festa democrática precedida por debates, comícios, pessoas empunhando faixas e bandeiras de partidos, panfletos e muita paixão. Com elas, a cidadania é reafirmada pela prática do voto. Vote conscientemente! Vote com responsabilidade!

Eleições: uma escolha consciente para Piquete

Estamos às vésperas de mais uma eleição municipal. No dia 7 de outubro, você, como todo o povo brasileiro, irá às urnas para decidir os próximos quatro anos de sua cidade. Serão eleitos prefeitos e vereadores em todos os municípios do país. Para isso, a Igreja exorta seus fiéis para a escolha correta de seus candidatos.

Nos últimos anos, sucessivas denúncias de corrupção e de desvio de dinheiro público nas administrações municipais foram descobertas, apuradas e estão sendo punidas. Recursos que deveriam ser canalizados para obras públicas, para a saúde, a educação e a promoção da justiça social acabaram por ser desviados para o bolso de políticos inescrupulosos. Estes, quando em campanha eleitoral, com discursos moralizadores e, muitas vezes, usando o nome de Deus, acabam se elegendo e, no poder se corrompem e permitem que auxiliares próximos também se corrompam. Por outro lado, as Câmaras Municipais, que têm como premisa constitucional fiscalizar a aplicação correta dos recursos públicos, por conveniência política, de maneira passiva permitem que os desvios aconteçam.

Buscando romper com essas práticas, cada vez mais enraizadas, a CNBB em sua 50ª Assembleia Geral convoca os fiéis por meio de uma mensagem a desempenharem um de seus mais significativos deveres de cidadão: o voto livre e consciente. Segundo o órgão, o voto é a “expressão de participação democrática e as eleições nos motivam a dizer uma palavra que ilumine e ajude nossas comunidades eclesiais e todos os eleitores”.

As eleições têm consequências na vida do povo. Por conseguinte, é o momento propício para que haja investimento na construção da cidadania, solidificando a cultura da participação e os valores que definem o perfil ideal dos candidatos. Os candidatos “devem ter seu histórico de coerência de vida” e discurso político referendados pela honestidade, competência, transparência e vontade de servir ao bem comum. Os valores éticos devem ser o farol a orientar os eleitos, em contínuo diálogo entre o poder local e suas comunidades”, diz a mensagem.

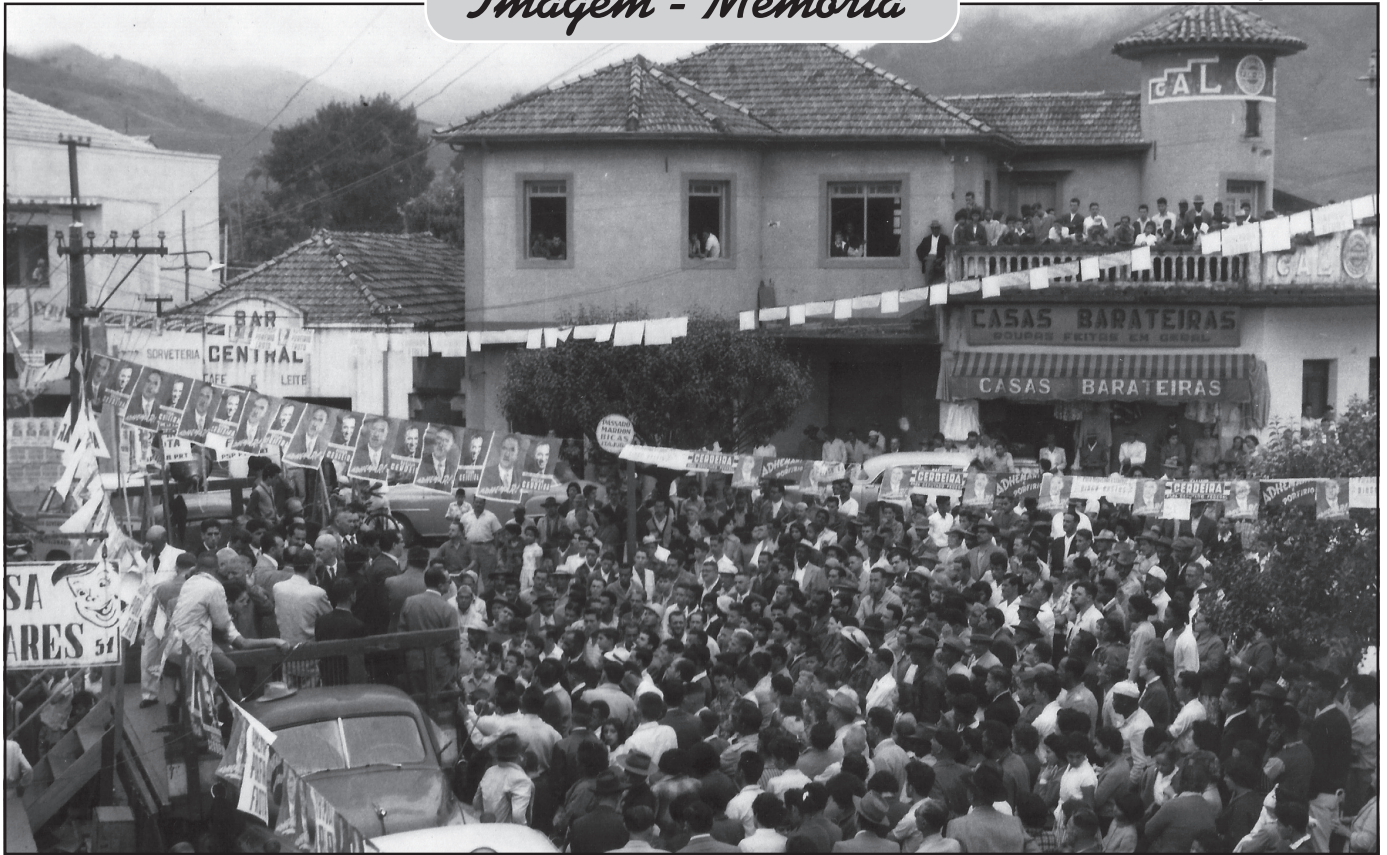
O eleitor tem o dever de ser corresponsável na gestação de uma nova civilização baseada na defesa incondicional da vida, e na promoção do desenvolvimento sustentável, possibilitando a justiça social e a preservação do planeta.

“Para o cristão, participar da vida política do município e do país é viver o mandamento da caridade, como real serviço aos irmãos”, afirmam os bispos. O Papa Paulo VI, em sua Carta Apostólica Octogesima Adveniens, afirmou que “a política é uma maneira exigente de viver o compromisso cristão a serviço dos outros”.

Assim como os bispos, invoquemos a proteção da padroeira deste país, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, para que abençoe o povo brasileiro e ilumine os candidatos e eleitores no exigente caminho da verdade, e que nós, piquetenses, sob as bênçãos de São Miguel Arcanjo, saibamos escolher o melhor para Piquete.

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



Até há alguns anos, em tempo de eleição, os comícios eram um grande acontecimento nas cidades brasileiras. Em Piquete, a Praça da Bandeira foi por muito tempo o local onde, tradicionalmente, eles aconteciam. Podia ter comício em qualquer canto da cidade, mas o último, o que causava maior impacto no eleitor, o que decidia as eleições era o que nela acontecia.

Já não se fazem comícios como antigamente...

Quando qualquer eleição se aproximava, fosse para a escolha de candidatos para a esfera federal, estadual ou municipal, causava grande expectativa a espera pelos comícios. A população se programava para assistir a esses eventos cívico-sociais, quando podiam ouvir grandes oradores, observar o desempenho dos candidatos e conhecer suas propostas de trabalho. Fora dos palanques, nos bastidores, intrigas e diferentes tramas eram urdidas pelas coligações partidárias visando a ganhar o voto do eleitor.

Os tempos mudaram. Já não se fazem comícios como os de antigamente. Uns culpam a televisão e as novelas; outros, os modernos meios de comunicação. O que se constata é que os comícios já não atraem tantos ouvintes como no passado. Eles já não dão tanto ibope. Os comícios minuíram. Acredita-se, mesmo, que estão com os dias contados. Tendem a acabar.

Até há alguns anos, em tempo de eleição, os comícios eram um grande acontecimento nas cidades brasileiras. Cada uma delas reservava um espaço público onde, tradicionalmente, eles aconteciam. Em Piquete, a Praça da Bandeira foi por muito tempo o local adotado. Podia ter comício em qualquer canto da cidade, mas o último, o que causava maior impacto no eleitor, o que decidia as eleições era o que nela acontecia. Era só anunciar um comício nessa praça para que a população se assanhasse para assisti-lo. Vinha gente dos bairros distantes só para conhecer melhor os candidatos. Dava gosto ouvir aqueles bem preparados discursos, acompanhar sua sequência de raciocínio, seu pensamento lógico, sua inteligência, a

final ironia das tiradas dos candidatos. Havia também aquele candidato folclórico que acabava por ficar no anedotário popular, e cujo discurso provocava sonoras gargalhadas. De qualquer maneira, os comícios atraíam multidões... Era só o caminhão-palanque se posicionar em algum ponto estratégico na Praça da Bandeira e o serviço de alto-falante anunciar para “daqui a pouco” a presença de fulano ou sicrano, para que o povo fosse chegando. Um foguetório anunciava a presença dos candidatos. A praça ficava apinhada de gente, que se acotovelava para se aproximar do palanque e melhor se posicionar. A subida das ruas coronel Luiz Relvas e Sírnia (atual Thomé Seraphim), bem como as sacadas dos clubes dos Ex-Alunos e Comercial, ficavam cheias. Em cima do caminhão era tanta gente querendo espaço junto à estrela da noite, que quase aconteciam acidentes. E como gritavam os políticos daquela época! O serviço de alto-falante nem sempre funcionava. Sem a potência de hoje, chiava o tempo todo, de maneira que mal dava para ouvir e entender os candidatos. Em determinado tempo do discurso, numa pausa ensaiada pelo orador, alguns gritavam um “muito bem!”... Foguetório espocava... Todos aplaudiam entusiasmadamente, num delírio sem igual, muitas vezes sem saber bem o que e quem estavam aplaudindo.

Apesar das adversidades sempre presentes nas campanhas eleitorais, havia mais respeito para com o adversário. O tempo foi passando e outras maneiras de fazer campanha foram incorporadas às práticas políticas. Para atrair multidões, já que os comícios vinham se esvaziando, usou-se,

por pouco tempo, trazer uma atração especial para a noite, de preferência um cantor popular. Criou-se o “showmício”. A Justiça Eleitoral, no entanto, proibiu corretamente essa prática. Mais recentemente, as carreatas buscam impressionar os eleitores com um número cada vez maior de carros, mesmo que alguns candidatos paguem o combustível de improváveis eleitores... Essas também não terão vida longa.

Nos comícios de hoje, sem o brilho de antigamente, as propostas e os programas de governo tornaram-se secundários. Mentiras e mais mentiras são a tônica dos discursos... Agressões políticas ao invés de discussão de ideias. A tendência é que os comícios acabem e aqueles que os ousarem fazer corram o risco de ficar na praça com apenas alguns membros de suas coligações.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Dona Lígia

Natural da cidade de Conceição do Rio Verde, sul de Minas, Lígia Barbosa nasceu em 6 de junho de 1923, filha de João Barbosa e Herondina Catão Barbosa, que teve outros dois filhos. Em 1926, a família mudou-se para Cruzeiro. O pai, veterinário, veio trabalhar na inspeção sanitária da carne produzida num grande matadouro daquela cidade. Ainda muito pequena, dona Lígia perdeu a mãe. O pai, pessoa ilustrada, educou os filhos com rigidez, mas com muito carinho, mostrando-lhes a importância de bom-senso, honestidade, integridade de caráter, senso de justiça, respeito e amor ao próximo. Dona Lígia cursou a escola primária em Cruzeiro, no atual Grupo Escolar Arnolfo de Azevedo. Pouco tempo depois, o pai faleceu e dona Lígia com os irmãos foram para Caxambu, morar com um tio que se tornou tutor dos órfãos. Foi, então, matriculada no tradicional Colégio Sion, em Campanha, MG. Após a conclusão do curso, retornou para a casa do tio. Logo conheceu José Severino Filho e, após breve namoro, casaram-se, em 1942. Em 1945, o casal mudou-se para Piquete. Seu Juca Severino, habilidoso carpinteiro, trabalhava por conta própria. Certo dia, encontrou-se com o doutor Otávio Tibúrcio, médico militar do antigo Hospital da Fábrica, velho conhecido dos tempos de quartel em Itajubá, que lhe sugeriu que trabalhasse na Fábrica como carpinteiro. Aceitou a ideia e lá trabalhou até sua aposentadoria.

Quando chegaram a Piquete, dona Lígia e o marido foram morar às margens da rodovia, próximo ao casal Benedito e Eva Chaves, seus antigos conhecidos de Itajubá. Anos mais tarde, compraram um terreno de Miguel Purcino Ferreira, próximo ao conhecido "Buraco do Barão" e começaram a construção da casa própria. Dona Lígia teve quinze filhos, adotou duas crianças e criou dois netos. A casa sempre cheia ia sendo ampliada à medida que a família crescia... No quintal havia sempre uma bem cuidada horta, pomar e uma criação de



porcos. Para manter a ordem em casa, dona Lígia diz ter sido muito enérgica. Mantinha horário para tudo. Todos deveriam cumprir suas obrigações. Vendo os filhos crescerem, dona Lígia, com dificuldades, comprou uma casa no centro de Jacareí, para que estes, à medida que saíssem de casa, tivessem um local onde ficar para trabalhar e estudar. Orgulha-se de, hoje, ver muitos dos filhos e netos formados e bem sucedidos em diversas profissões. Recordando-se das antigas famílias vizinhas, conta que, quando se mudou para a casa onde reside até hoje, eram poucas... Mais tarde, em frente à sua casa, seu Pascoal e a professora Maria do Carmo construíram e criaram a filharada. Recordar-se dos moradores da rua Barão da Bocaina: Durvalina e Antônio Jofre, Celina e João Divino, Zé Pequeno e esposa, dona Dudu e Antônio Viana, Maria Jofre e Santos, Maria e Pedro Alves, dona Benedita e Manoel Cornélio, Ana Jofre e Gouvêa, dona Zezé e seu Delfino... Afirma que na parte alta havia um cortume, de seu Delfino, e na parte de baixo o centro de umbanda "Pai Antônio", cuidado por seu Isidoro e, mais tarde, por seu Anphilófilo...

Aos 89 anos de idade, dona Lígia mantém vitalidade e boa memória. Atribui a boa disposição ao gosto por andar de bicicleta... Sempre pedalou pelas ruas íngremes de Piquete. Conta-nos que foi a primeira mulher a participar, indo e voltando, da Romaria Ciclística Padre Juca.

Homens e mulheres do nosso tempo

Compartilho com os leitores de O Estafeta uma experiência positiva da qual participei com um grupo de alunos, adolescentes de 13 e 14 anos, de uma escola pública. Os alunos reuniram-se para debater sobre o seguinte tema: homens e mulheres do nosso tempo. Atuei como mediadora e fiquei encantada com tudo que vi e ouvi.

No calor do debate, rico e muito interessante, pois os alunos fizeram extensas pesquisas e estavam munidos de dados e fatos históricos, uma aluna lembrou aos participantes que houve um tempo em que os homens (alguns) se referiam à mulher de forma discriminatória: *mulher é sexo frágil, isto é coisa de mulherzinha, lugar de mulher é na cozinha, mulher nasceu para servir ao homem...* O tom da fala da aluna era de perplexidade. Os ouvintes não se mostraram diferentes. Pareciam não acreditar, estavam igualmente perplexos. Foi então que, com a naturalidade própria da idade, um aluno se manifestou: o cara tem que ser muito *babaca* para falar coisas deste tipo. O grupo concordou e riu muito... O colega foi aplaudido. Esses jovens já são homens e mulheres de um novo tempo: o tempo da igualdade entre os gêneros. Usando a expressão deles, podemos dizer que isso *é da hora*.

Você, leitor de O Estafeta, homem ou mulher, certamente concorda com o pensamento destes alunos. Não podemos, porém, ignorar que ainda restaram, no nosso tempo, alguns *babacas*. Eles parecem desconhecer o valor de mulheres como Angela Merkel, cientista e política alemã, considerada a mulher mais poderosa do mundo; Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil; Hillary Clinton, Secretária de Estado dos Estados Unidos; Zilda Arns, que deixou uma obra social importante como fundadora e coordenadora internacional da Pastoral da Criança e da Pastoral da Pessoa Idosa; Luiza Helena Trajan, que revolucionou o mundo dos negócios como presidenta do Magazine Luiza; Helen Gracie, que foi a presidenta do Supremo Tribunal Federal, entre tantas outras que se destacaram ou se destacam na política, nos negócios ou no social. Isto só na história mais recente. Mas isto não é tudo, pois não é preciso se afastar muito do nosso universo. Com certeza cada um de nós poderia anunciar uma lista de mulheres que se tornaram profissionais de sucesso, mães e esposas brilhantes, políticas de destaque e que, assim como os homens, são capazes de assumir os mais diferentes papéis na sociedade. E está comprovado: todos nós saímos ganhando com isso!

E viva o nosso tempo, o tempo da igualdade entre homens e mulheres! Aos *babacas*, diriam os adolescentes: se liguem! Os intelectuais, por sua vez, sentenciariam: tal atitude é politicamente incorreta. O pessoal da moda não perdoaria: esta fala é totalmente *démodée*. Enfim, ninguém aprova a depreciação à mulher, pelo menos no nosso tempo.

Laura Cristina Peixoto Chaves



Eleições Municipais 2012

A importância do voto

Numa democracia, como ocorre no Brasil, as eleições são de fundamental importância, além de representar um ato de cidadania: possibilitam a escolha de representantes e governantes que fazem e executam leis que interferem diretamente em nossas vidas. Escolher um péssimo governante pode representar uma queda na qualidade de vida. Sem contar que são os políticos os gerenciadores dos impostos que nós pagamos. Desta forma, precisamos dar mais valor à política e acompanhar com atenção e critério tudo que ocorre em nossa cidade, estado e país. O voto deve ser valorizado e ocorrer de forma consciente. Devemos votar em políticos com passado limpo e propostas voltadas para a melhoria de vida da coletividade.

Como votar conscientemente?

Em primeiro lugar temos que aceitar a ideia de que os políticos não são todos iguais. Existem políticos corruptos e incompetentes, porém muitos são dedicados e procuram fazer um bom trabalho no cargo

que exercem. Mas como identificar um bom político?

É importante acompanhar os noticiários, com atenção e critério para saber o que



nosso representante anda fazendo. Pode-se ligar ou enviar e-mails perguntando ou sugerindo ideias para o seu representante. Caso verifiquemos que aquele político ou governante fez um bom trabalho e não se envolveu em coisas erradas, vale a pena repetir o voto. A cobrança também é um direito que o eleitor tem dentro de um sistema democrático.

Não se omita, eleitor!

É incontestável o trabalho dos meios de comunicação e das Igrejas procurando conscientizar os eleitores sobre a importância de se escolher bem os futuros administradores de nossas cidades.

Às vésperas das eleições municipais, a Igreja Católica se antecipou e lançou uma cartilha em que orienta o eleitor a escolher seus candidatos e combate o voto nulo. Elaborada pela CNBB, distribuída nas paróquias, visa a orientar a comunidade na escolha consciente de seus candidatos. A contribuição da Igreja é muito importante, pois colabora com a formação da consciência política das pessoas a fim de que exerçam a cidadania.

O eleitor não deve se omitir. Informar-se, acompanhar o processo de escolha dos candidatos, perceber que grupos se unem e com que interesses estão disputando as eleições, exigir programas de atuação dos candidatos e ter conhecimento de sua vida na comunidade. Combater os votos nulos e a corrupção eleitoral, apoiando candidatos que visem ao bem comum são nossas obrigações como cidadãos!

Vozes que ecoam no chão da Pátria

Duas temáticas ecoam como vozes do chão da pátria, o local do nascimento, sintonizadas numa das mais recentes edições de O Estafeta, o de número 186 de julho de 2012: a da necessidade da democracia consciente e a luta pelos valores consagrados como de direito. São vozes emitidas por possuidores de repertórios convincentes e de lugares de autoridade. Defendem, ardorosos, os chamados para o voto consciente: pela exemplaridade histórica e pelo referenciamento às bases culturais. Estas, ainda que não declaradas como tais, chegam da Grécia, do tempo dos pensadores fundamentais – Aristóteles, Platão, Sócrates, entre os mais atuantes. Aristóteles é autor de uma obra de nome “Política”, e Platão, de uma denominada “A República”. Levam-nos à reflexão e tomadas como referências nas obras que se remetem às questões nacionais, públicas e de governo. Essas fontes, que vêm desde os pré-socráticos, estão presentes desde as obras de fôlego e de pesquisa acadêmica até o vocabulário cotidiano de extração diária.

Sócrates nada escreveu, mas foi transcrito por Platão nos seus “Diálogos”, cuja preocupação é enfatizar a necessidade da dúvida e do questionamento. Seu propósito é não fazer aceitar o que é proposto sem investigar as razões dessas proposições, ou seja, não nos deixar manipular. É buscar razões para a importância dos direitos humanos, dos modos de se organizar a sociedade, governá-la, planejar os fins e estabelecer os princípios que regem a virtude, a beleza, o bem comum ou da comunidade.

O lema do belo e bom está presente em

Platão, que o trouxe de Sócrates, a quem defendeu através de uma “Apologia”, dado que o mestre estava condenado ao envenenamento pela comunidade que não aceitava os seus princípios. Sócrates acabou envenenado pela cicuta, acusado de perverter os jovens atenienses para que aprendessem a pensar e criticar. Pensamento e crítica que, constatamos, está presente nos artigos estampados pelo referido exemplar de O Estafeta, diretamente ou nos subtextos, discutindo corrupção, moralização, bem comum e virtude, além da necessidade da justeza das escolhas.

A sociedade mudou com a aceleração das técnicas de comunicação, e, por consequência, dos modos de pensar, expondo conflitos com os valores dados como permanentes, os chamados “do Bem”.

Como chegar ao reconhecimento das mudanças para um povo não acostumado a questionar, mas obedecer? Como romper esse estatuto sem a devida preparação? Conhecer a História é um dos meios, a Política é outro. Há quem advogue a necessidade do conhecimento político desde os primeiros anos escolares, mesmo os da pré-escola, estando aí incluídas noções de direitos e deveres constitucionais, de cidadania e de repúdio ao que seja falso e deformado, do que seja corruptivo, e, portanto, negativo.

As vozes uníssonas dos textos a que me refiro pretendem iluminar e chamar à razão os eleitores para o direito que têm em eleger e serem eleitos, pois é claro, não se deve esperar o pior. Mas, nos tempos atuais, o que, de fato, mobiliza e norteia as escolhas? Como questionar, e o quê? Viradas ao avesso, as afirmativas devem ser transformadas em questões como propunham os

filósofos fundadores, tendo em vista o perigo das generalizações do já posto, já dado como aceito e certo. Fugir da conveniência do convencional ao dar à palavra os seus sentidos, pois estes podem ser alterados pela própria palavra manipulada por acordos de interesses partidários.

Perguntar-se como pensar para escolher é um ponto de partida. Pergunte por quê, para quê e como se chega ao poder, e como ele é exercido.

Participe na busca das razões dos custos envolvidos para saber se são legítimos, ou apropriados pelos abusos da leniência ou da pouca importância dada aos atos públicos.

Pensar exige método, tranquilidade e concentração. É um treino para ser praticado com disciplina e tempo. Dá trabalho físico, mental e espiritual. É preciso estar preparado, não se improvisa.

A mudança social, fruto da aceleração pela qual passamos, dificulta essa atividade. O modelo genérico das soluções rápidas e prontas vias internet e meios televisivos induz à manipulação fácil e imediata, o que é contrário ao pensamento consciente. Solução a essa questão pode ser dada por métodos educativos, e aí, as escolhas poderão ser mais seletivas. Dados os parâmetros, isto é, definidas as bases, passa-se ao questionamento. Quanto mais questionar melhor – a chave é aprender a questionar-se e aos demais.

E então, organizar os pensamentos, partilhá-los com a comunidade, e assim, exercer ativamente o princípio básico da ética, o de conviver criticamente.

Doli de Castro Ferreira

Tempo de espera: traga bons frutos!

Tempo de espera. Tempo de amadurecer. Dar tempo ao tempo. De algum modo, por algum motivo, o tempo está sempre pautando as ações e os fatos das nossas vidas. Ele passa por nós, nos torna mais capazes, mais tolerantes, um pouco mais conhecedores das coisas e nos molda. Ou não. Há os que resistem em crescer mesmo com passar do tempo.

Ele também é responsável pela melhoria e pela excelência de alguns produtos: o vinho é muito melhor quando faz parte de uma safra mais antiga; assim também o champanhe e alguns queijos. Algumas plantas só produzem flores e frutos depois de longa espera.

Em ano de eleição, estamos no tempo de espera. Nada de relevante acontece. Nenhuma decisão importante é tomada, porque estamos esperando as eleições. Nas cidades, os serviços, os atendimentos públicos, os novos projetos, o prosseguimento de outros já iniciados estão todos parados. Porque estamos no tempo de maturação e de espera, estamos de olhos voltados para o resultado das urnas.

Impressionante perceber e comprovar que todos vivem nessa espera. Como se esse tempo de campanha para as eleições



deixasse quase tudo e quase todos em marcha lenta, exatamente porque o centro das atenções, dos negócios, dos serviços, enfim, está voltado para a maturação da decisão que cada um tomará quando votar.

Essa marcha lenta, lentíssima mesmo, deveria realmente servir para trazer para todos a consciência necessária nas escolhas que serão feitas pelo voto de cada cidadão. Maturar para enriquecer. Esse é o princípio de quem produz bons vinhos. Tal princípio deveria ser também o objetivo de todos nesse tempo em que nada além da política se move a todo vapor.

Para que depois de findado esse tempo, os fogos de artifício sejam vistos como explosão de concretização da esperança de

todos. Para que os panfletos contendo propostas e que inundam hoje as cidades, as casas, as ruas, se transformem realmente em matéria básica para as expectativas que todos buscam. Cada um desses panfletos se transmude em realização dos projetos que propagam.

Para que as palavras ditas e propaladas no calor das promessas se transformem em realidade positiva de oportunidades, de melhorias e bom senso para o crescimento social, cultural e econômico das populações.

Possa este tempo de espera que estamos vivendo agora servir para que as transformações aconteçam para melhor. Como o vinho, como o champanhe envelhecem escondidos para se transformarem em deliciosas e agradáveis bebidas. Que este tempo de espera seja realmente convertido em realidade promissora, em bons frutos para todos.

Finalmente, para que, terminado esse período, todos possam concluir como o poeta e cantar o tempo com alegria: *“Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos, Tempo, tempo, tempo, tempo... Entro num acordo contigo, Tempo, tempo, tempo, tempo...”*.

Eunice Ferreira

Os privilegiados

Somos todos companheiros, camaradas e colegas.

Companheiros, porque comemos do mesmo pão, que nos prodigaliza a Pachamama, a Mãe Terra.

Camaradas, porque dividimos o mesmo alojamento, o Planeta Azul.

Colegas, porque, juntos, procuramos decifrar as realidades que nos cercam.

A humanidade, enquanto caminha, vai criando bolsões de diferenças, que agrupam os seres humanos de acordo com fundamentos que surgem não se sabe de onde.

Foi assim que, em 1962, quando colamos grau na Faculdade, recebemos, junto com o diploma, o apelido de privilegiados.

Isto porque, dentro da população brasileira, constituíamos uma minoria inquestionável.

Segundo nos disseram, grande era a nossa responsabilidade. Somente nós poderíamos alavancar o progresso do Brasil.

Nas aulas, havíamos tomado conhecimento da Doutrina Social da Igreja. Estudamos a encíclica “Rerum Novarum” do papa Leão XIII (1891); a “Quadragesimo Anno”, de Pio XI (1931) e a “Mater et Magistra”, de João XXIII (1961). Frequentamos as acaloradas discussões do Diretório Acadêmico. Estivemos nos Encontros de JUC (Juventude Universitária Católica). E em Peregrinações como

a de Moreira César a Aparecida, quando íamos encontrar os estudantes paulistas que vinham no trem e, depois, a pé, à noite, no percurso de 22km, com nossas lanternas, discutíamos todos os problemas do homem e do mundo.

Em 1961, estive no XXIV Congresso da UNE, União Nacional dos Estudantes, em Niterói, RJ.

Aí se mesclavam as inflamadas teses dos marxistas que queimavam jornais e chamavam as elites brasileiras de Lacaios da Wall Street.

Educados no mais acendrado respeito à vida, as teses que empurravam para a revolução armada não nos atraíam.

As ONGs, Organizações Não Governamentais, não existiam. Às chamadas entidades filantrópicas pertenciam grupos definidos de pais e mães de famílias e ordens religiosas.

Foi, então, que achamos o nosso caminho: exercer a profissão com o máximo de dignidade, não pleitear postos políticos e ser uma presença constante incentivando, denunciando e encaminhando.

Os advogados deveriam colocar a Justiça à frente do Direito.

Os pedagogos teriam de abater o analfabetismo renitente.

Os médicos enfrentariam o fantasma das doenças tropicais.

Os dentistas buscariam dar resposta a uma questão intrigante: por que sociedades tribais na África, na Oceania e nas Américas,

que desconheciam as noções usuais de higiene bucal, conservavam seus dentes até a idade adulta, e os nossos caboclos os perdiam, muitas vezes, já no fim da adolescência.

Os arquitetos e urbanistas resolveriam o problema das favelas.

Os físicos, químicos, geólogos e hidrólogos dariam um basta aos danos da “Seca do Nordeste”.

E a turma da produção de alimentos responderia à questão: qual o grau de desnutrição do brasileiro?

Enquanto os privilegiados de 62 vagavam pela vida brasileira, novas faculdades foram criadas e aumentou o número de vagas e, portanto, o acesso de brasileiros ao nível superior.

Já caminhamos mais que os judeus no deserto. Não maldissemos o maná, nem exigimos codornizes.

Mas, muitas vezes, lamentamos a falta da água límpida da cooperação no ardor das disputas.

Não sabemos se Josué sairá do meio de nós.

Mas temos a certeza de que, quando ele fincar o estandarte na Canaã brasileira, o mundo inteiro vai ler o mesmo lema da partida de 62:

O Mesmo Pão.

A Mesma Casa.

A Mesma Escola.

Abigayl Lea da Silva

Crônicas Pitorescas

O ovo ou a galinha?

Palmyro Masiero

A madame era colunável do mais elevado fio de cabelo até a ponta do dedão do pé. Falada pra burro! Apareceu nos jornais do dia com destaque, após a majestosa, chiquíssima recepção oferecida na véspera à mais fina flor da sociedade local. Fotos espocadas de todos os ângulos registraram o acontecimento, deixando a ignara de queixo caído diante do visual estampado. Lá estiveram os mais famosos colunistas do soçaite dos mais diversos órgãos de comunicação fazendo a cobertura completa do evento. Vários garçons, maîtres, barmens e recepcionistas atendiam aos convidados: uísque escocês legítimo, champagne francês, voka polonesa, pratos finos dos mais diferentes paladares: lagostas, canapés, salgadinhos... A mansão fora decorada por pra lá de “experts” no assunto, ficando o ambiente enfeitado pelas mais belas plantas ornamentais, com perfumadores por todos os recantos... Resumo: uma loucuuuuuura!

Nas fotografias apareciam grupos aqui, ali, acolá, dando a impressão de conversarem coisas seríssimas, importantes, como importantes eram todos ali. A raça feminina estava numa linhagem, mais parecendo uma disputa entre os criadores da alta-costura, com joias raras exóticas pespegadas nos tules, penduradas nas orelhas, enfiadas nos dedos e toda elas estampadas nos rostos bem tratados. Os cavalheiros, a rigor, estavam mais terrenos. Explico: apesar de serem negras, pelo menos viam-se borboletas, coisa mais conhecida, embora atualmente em escassez. Até parece que a gente já viu isso numa cena de novela de televisão!

Não entendo nada do riscado e não estou aqui para fazer qualquer comentário a respeito dessa festa de que fiquei tomando conhecimento através dos jornais. Dela não participei por duas razões: primeira, porque não fui convidado (nem poder seria: quem é esse cara? Simplesmente eu...) e, segunda, é que dentro da parte da pirâmide social constituída por colunáveis estou mais por fora do que regra de três... Gandula tem mais

probabilidade... Perguntarão, com muita justeza, o que é, então, que eu tenho de meter o nariz na vida dos outros. Nada, em absoluto! Apenasmente, como diz o bom Odorico Paraguassu, meus chefões fizeram comentários sobre a festa e, por acaso, acaso mesmo, eu estava por perto e ouvi alguma coisa e, lógico, fica-se sabendo alguma coisa...

A mulher, aquela hipercolunável da festa publicada, oferecera a recepção por estar completando mais um “nat” (gostaram?!). Pois, como ia e acabei não dizendo, o comentário dos meus patrões que dela participaram foi justamente nesse ponto do “mais um”... Segundo os dois infames (afinal, enpanturraram-se e encheram a cara com o que de melhor existe e ali estavam tecendo comentários desairosos à coroa aniversariante...), a contagem dos anos da distinta, que, antigamente vinha em escala decrescente, estacou em uma que talvez a própria considerasse a que melhor lhe caía, e estacionou...

O trecho da conversa mais interessante (e cruel) entre os dois que, pelo visto, a conheciam bem, foi mais ou menos assim:

– Dos 34 eu acho que ela não sai mais...

– Difícil é para o comendador, que não para de acrescentar anos a cada ano que passa... Daqui a algum tempo a diferença de idade vai ser tanta entre eles, que vão pensar tratar-se do avô dela.

E riram desbragadamente os dois. Virou-se o outro:

– Eu já me preocupo mais com os filhos do casal...

– Por quê?

– Nessa batida, vão ter problemas tão complexos como aquele de quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?

– Como assim?

– Imagine só: nessa sucessão, como poderão dar explicações daqui a alguns anos? Como poderão ter nascido antes da própria mãe?

Quase que a tarde toda gozaram com a pergunta: quem nasceu primeiro? Os filhos ou a galinha?

Sempre aos domingos

Edival da Silva Castro

Aos domingos, carrancudos ou de sol ardente, pelas manhãs, na Praça da Bandeira juntava-se gente pelos diversos pontos comerciais: no Lau's Bar, no bilhar do Zé Serafim, na sorveteria do seu Brasilino, na banca de jornal do Daniel Brasilino... E muitos ainda se apinhavam pelos bancos da Praça...

Os engraxates exerciam a profissão ao lodo do obelisco. Eu, quando notava meus sapatos sem brilho, opacos, procurava o Cafá. Humilde, bondoso e zeloso, um garoto em busca de alguns trocados para reforçar a renda familiar. Quando meus pés repousavam sobre a caixa, ele, cuidadoso, vestia-me calçadeiras para me proteger as meias. Iniciava, então, sua arte.

Às tardes, os domingos ficavam reservados às matinês, de seriados como “A garra de ferro”, “Capitão Marvel” e “Zorro”, e desenhos do Tom & Jerry, Pernalonga, Irmãos Corvinho. Os adeptos do futebol iam ao campo do Esporte Clube Estrela, quando o time tinha o mando dos jogos. Eram partidas contra o E.C. Elvira, Frigorífico F.C., Taubaté F.C., Esportiva F.C..

À noite, no cinema, eram projetados clássicos imperdíveis como “Sansão e Dalila”, “O Manto Sagrado”, “Casablanca”... Terminada a primeira sessão, as moças uniam-se com as que se encontravam dando voltas na Pracinha... Os rapazes, de olhares acesos, ficavam parados, à conquista dos flertes... De vez em quando ouvia-se algum comentário da beleza de algumas delas... Nos clubes – Associação Comercial, Ex-Alunos e Grêmio General Carneiro – aconteciam brincadeiras dançantes, com muitos aprendizes de bolero ao som de Valdir Calmon, Românticos de Cuba, Ray Connif.

Sempre aos domingos iniciava-se uma paquera, ou, então, um lindo romance de amor terminava.

A Fundação Christiano Rosa saúda a comunidade católica piquetense, na data de seu excelso padroeiro, São Miguel Arcanjo, comemorada no dia 29 de setembro.



Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.issuu.com/oestafeta
ou

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

A data jubilar da Diocese de Lorena, Nossa Igreja Particular

(31-07-1937 / 31-07-2012)

No dia 31 de julho de 2012 foi comemorada a efeméride jubilar de 75 anos de nossa Igreja Particular, isto é, da Diocese de Lorena, à qual nos vinculamos.

Uma comemoração brilhante marcou essa data na cidade-sede Lorena, organizada pelo Bispo Titular Dom Benedito Beni dos Santos que, no convite para o evento, fez apresentar a programação: (16h) Inauguração do Centro de Pastoral Conde José Vicente de Azevedo, (19h) Missa Solene na Catedral, seguida de sessão solene.

A inauguração do Centro Pastoral em nome do homenageado, razão de justiça, por ter sido o grande incentivador e líder no processo da busca pela conquista da criação do Bispado de Lorena e da Diocese por ele nomeada.

Diocese é a porção do Povo de Deus confiada a um Bispo para que pastoreie em cooperação com o presbitério, de tal modo que, unida ao seu Pastor, e por ele congregada no Espírito Santo mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitua uma Igreja particular, na qual verdadeiramente está e opera a Una, Santa, Católica e Apostólica Igreja de Cristo. Decreto conciliar Cristo Senhor.

Essas são palavras colhidas da revista *Testemunha Ocular*, nº 46, de 29/05/2012 – Edição Histórica da Diocese de Lorena.

O Conde José Vicente de Azevedo era filho do Coronel José Vicente de Azevedo e neto do homônimo Comendador, português, que chegando a Lorena, casou-se com Dona Maria Pereira da Guia e tornou-se chefe do Partido Conservador. A forte oposição do Partido Liberal é atribuída como causa de sua morte por envenenamento em 9 de janeiro de 1844, em seguida às renhidas lutas na Revolução Liberal de 1842, iniciada em Sorocaba e estendida a Lorena. O filho, Coronel José Vicente de Azevedo, casou-se com Dona Angelina Moreira de Castro Lima, filha da Viscondessa de Castro Lima, Dona Carlota Leopoldina de Castro Lima, e do negociante português José Joaquim Moreira Lima, tornou-se também membro do Partido Conservador. Em vista da rápida ascensão ao prestígio político, igualmente foi vitimado em uma emboscada atribuída aos rivais liberais (19/02/1869), vindo a falecer no dia 21/02/1869. Foi sucedido pelo filho de mesmo nome, depois titulado Conde Romano pela Santa Sé. Este o maior responsável pela criação de nossa Diocese. Os biógrafos costumam atribuir aos três Josés Vicente de Azevedo, na cadeia sucessória e hegemônica, a tarefa em eleger Lorena à posição de sede diocesana, obra completada pelo Conde em 1937, não sem muito esforço, empenho e dedicação.

O Conde é visto como homem singular, dedicado às obras assistenciais, sociais e religiosas, tanto em Lorena como em São Paulo, onde uma grande obra educacional e social é de sua criação, e de cuja direção se incumbem os descendentes empenhados em mantê-la viva e progressiva como desejava o ilustre ascendente que previu e documentou como antecedência o momento

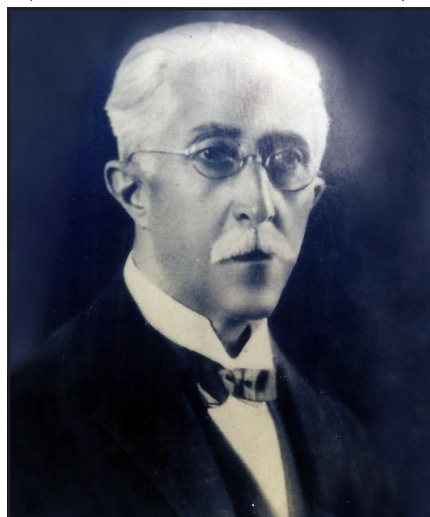


Foto: Arquivo Pro-Memória

centenário. Hoje, a obra já conta com 116 anos para orgulho da neta, bisnetos e demais membros da grande família.

A própria neta, Dona Gabriela Vicente de Azevedo Franceschini, presidiu ao lado de Dom Benedito Beni dos Santos à inauguração do quadro e busto do homenageado do Centro de Pastoral. Num discurso bem colocado lembrou a obra do avô e sintonizou a memória à passagem do *Eclesiástico cap. X – Elogio dos antepassados*, em referência aos ancestrais com força viva de herança.

A história da Diocese tem sido apresentada pelo padre Fabrício Beckmann com apurada pesquisa, em parte publicada pela revista citada, comemorativa da data jubilar.

O Conde José Vicente de Azevedo nasceu em Lorena a 7 de julho de 1859 e morreu em São Paulo a 3 de março de 1944. Foi advogado, filantropo e político.

A missa solene da data comemorativa foi celebrada por Dom Benedito Beni dos

Santos, atual Bispo Titular, e concelebrada por outros tantos membros da Igreja convidados e constituintes do clero da própria Diocese. A homilia de Dom Beni foi muito bem explicada. A comemoração jubilar encerrou-se com a novena e Festa de Nossa Senhora da Piedade, padroeira da cidade de Lorena e da própria diocese a 15 de agosto do corrente.

Oportunamente, o registro da data magna foi elaborado em nosso INPAR (Informativo Paroquial – Piquete – SP) pelo pároco da matriz de São Miguel Arcanjo, Monsenhor João Bosco de Carvalho, em editorial bem constituído, para dar o sentido histórico e significativo da comemoração jubilar.

Nele encontramos registrados os nomes dos oito bispos que estiveram nesses 75 anos à frente do governo de nossa Diocese. Aqui transcrevo as citações. Inicialmente, Dom Francisco Borja do Amaral, o primeiro deles, (1940 / 1944). Da fundação em 31 de julho de 1937 até a chegada do primeiro bispo, D. André Arcoverde, Bispo de Taubaté, assumiu como Administrador Apostólico.

De 1944 a 1946, Monsenhor Dagoberto Palmeiro Azevedo assumiu como Vigário Capitular até a chegada do segundo bispo, Dom Luis Gonzaga Peluso, que permaneceu de 1946 a 1959. Em 1960 assumiu novamente Monsenhor Dagoberto como Vigário Capitular até a chegada do terceiro bispo, Dom José Melhado Campos, que permaneceu de 1960 a 1965. Entre 1965 e 1966 retorna Monsenhor Dagoberto, até a chegada do quarto bispo, Dom Cândido Padim (1966 / 1970). O Cardeal Dom Carlos de Vasconcelos Motta assumiu como Vigário Capitular entre 1970 e 1971, quando assumiu o quinto bispo, Dom Antônio Afonso de Miranda (1971 / 1977). Em seguida, assume o sexto bispo, Dom João Hipólito de Moraes (1977 / 2001). Dom João exerceu o episcopado somente em nossa Diocese por 24 anos. Foi sucedido por Dom Eduardo Benes de Salles Rodrigues entre 2001 e 2005. Este foi o sétimo bispo. Na vacância do cargo, assume o Padre João Bosco de Carvalho, entre 2005 e 2006, como Administrador Diocesano, até a chegada do oitavo bispo, Dom Benedito Beni dos Santos, que até hoje está à frente da nossa Diocese. Seu lema episcopal: *Sub tuum praesidium*. Nasceu em Lagoinha, SP, aos 15 de janeiro de 1937. Foi ordenado Sacerdote em 22 de dezembro de 1962, e Auxiliar do Cardeal Arcebispo de São Paulo a 28 de novembro de 2001. Sua ordenação episcopal ocorreu em Taubaté, SP, no dia 9 de fevereiro de 2002.

(Anotações obtidas da Revista "Testemunha Ocular" nº 46).

Dom Benedito Beni dos Santos tem valorizado essa comemoração no entendimento de que a referência da Diocese de Lorena tem, nessa região do Vale do Paraíba, grande presença na memória, na tradição e na História como fortes significantes. Assim como a devoção a Nossa Senhora da Piedade. **Dóli de Castro Ferreira**





Papagaio que acompanha João-de-Barro vira ajudante de pedreiro...

A vida nos proporciona momentos vários e distintos... Quanto mais vivemos, portanto, mais experientes ficamos em diferentes temas. Importante destacar que a diversidade de nossas experiências depende unicamente de nossas iniciativas e de nossos sonhos. Se não sonharmos, se não tivermos metas, objetivos, ficaremos estagnados. Ouvi, pouco antes de escrever este texto, algo que julgo essencial na vida de todos: temos que buscar enxergar o mais longe possível. Especificamente para os piquetenses, nossos sonhos têm que ser vislumbrados a partir do topo da Mantiqueira; de nada adiantará nos limitarmos ao vale em que Piquete se encontra, pois, dessa forma, as experiências serão por demais restritas.

Todos precisamos ousar, conhecer novas pessoas, experimentar o novo... Para tanto, é certo, escolhas serão necessárias. Teremos, inevitavelmente, que optar e isso nem sempre é fácil. O rompimento de padrões não é indolor, pois mudar conceitos arraigados exige coragem para se encarar o desconhecido. No entanto, só assim cres-

ceremos pessoal ou profissionalmente, por exemplo. O importante é termos certeza de nossas opções, é estarmos certos do que queremos. Não podemos nos propor metas que não são nossas, que não nos interessam, não nos dão prazer. Se o fizermos, estaremos vivendo vidas outras que não as nossas. As experiências pelas quais passarmos terão sido pensadas, sonhadas por aqueles que nos dominaram. Imaginemos um belo, alegre e falante papagaio... Sua vida é cantarolar o que lhe ensinam, é repetir o que lhe ordenam... Se acompanhasse um João-de-Barro, se tornaria um ajudante de pedreiro... Seria esse seu sonho? Ainda: teria sonhos esse papagaio? Ou será que, preso ao seu poleiro, deixou de vislumbrar as verdes matas, os alegres e barulhentos bandos de sua espécie que habitam nossas florestas? Teria ele se acomodado, se contentado com “casa, comida e roupa lavada”?

O papagaio preso deixou de sonhar, meus amigos! Deixou de ver a luz. Deixou de buscar novos desafios que lhe permi-

tiriam acumular opções de vida, diversidade de experiências... O papagaio-ajudante-de-pedreiro também nos mostra que se não tivermos nossas próprias ideias nos deixamos moldar pelas pessoas com que convivemos, pelo meio que frequentamos.

Para sermos felizes, temos que ter autonomia, liberdade de escolha. Temos que ansiar pelo melhor... Para tanto, temos que lutar, que perseguir nossos sonhos, nossos objetivos... Temos que fazer a nossa estrela brilhar sem depender da luz de outros.

Muitos dos brasileiros teremos, em 7 de outubro, a oportunidade de escolher entre o novo e a mesmice, entre a ave trabalhadora e empreendedora e o papagaio-ajudante-de-pedreiro que não pensa, não tem ideias e age visando, egoisticamente, apenas ao seu próprio bem. A escolha de 7 de outubro é nossa, mas, desta nossa escolha dependerão os sonhos de muitos outros. Pensemos bem, pensemos coletivamente... Vamos acumular experiências, vamos nos tornar senhores do nosso destino.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Que prevaleça o bom senso de nossa gente!

Na missa do vigésimo domingo do tempo comum, a Igreja, espalhada por todo o mundo, meditou, nas celebrações eucarísticas, sobre o salmo 14, no qual o salmista apresenta uma questão: “Senhor, quem morará em vossa casa e no vosso monte santo habitará?”

Na resposta a esta pergunta, o salmista, enumerando as virtudes da pessoa de fé sincera que é considerada digna de habitar junto a Deus diz: “Quem não dá valor algum ao homem ímpio, mas honra os que respeitam o Senhor.” Respeitar o Senhor não significa se fingir religioso, clamar o nome de Deus em praça pública e bater no peito dizendo-se cristão, ter cara de humilde e bonzinho... Significa, antes de tudo, fazer a vontade do Pai que está no Céu, como nos ensina Jesus em Mt 7,21.

A vontade do Pai é que todos os seus filhos vivam com dignidade, um pai não se alegra quando algum filho passa necessidade, quando não há pão sobre a mesa, quando não existe atendimento aos doentes, quando os jovens não possuem acesso à formação profissional para que possam crescer na vida, quando não há moradia decente para que as famílias vivam tranquilas e não tenham que se preocupar cada vez que vem uma chuva mais forte.

Grande parte desses problemas, experimentados diariamente, sobretudo pelos

mais pobres, possui origem nas más ações de homens ímpios como o lembrado pelo salmista. A corrupção, o desvio do dinheiro público e a má administração dos recursos geram pobreza e sofrimento para muita gente. Recentemente, vimos o Poder Público ser desmoralizado em muitos municípios de nosso país. Vários prefeitos tiveram seus mandatos cassados por práticas criminosas no exercício de suas funções.

Há uma grande esperança de que essas eleições que se aproximam promovam uma grande mudança de rumo em nossas cidades. Que o povo saiba dizer não à corrupção, à roubalheira, ao uso do poder em benefício próprio, às perseguições políticas que afrontam a democracia, ao enriquecimento ilícito de poucos à custa da municipalidade.

O futuro de nossas cidades, sobretudo das mais pobres, depende muito de uma administração séria e competente que respeite nosso povo e se empenhe em gerar condições de vida mais adequadas à dignidade humana. Esse futuro está nas mãos de cada eleitor.

O dever de zelar pela moralidade das instituições públicas de nossos municípios é de todos. Sabemos que sem ordem não haverá progresso verdadeiro, que a todos inclua e seja duradouro. Para os cristãos, porém, mais que um dever,

buscar o bem comum é uma obrigação moral irrenunciável, de maneira que não se pode continuar a ser verdadeiramente cristão e compactuar com os que promovem a degradação da sociedade instalando no Poder Público verdadeiras facções criminosas.

Como nos ensinou o salmo 14, para estar junto a Deus não podemos dar valor algum ao homem ímpio, mas sim à pessoa que busca fazer o que é honroso aos olhos de Deus, isto é, promover uma sociedade justa na qual os direitos de todos, de modo especial os dos mais pobres, sejam promovidos e respeitados.

As candidaturas às Prefeituras e às Câmaras de Vereadores que representam a perpetuação de administrações que envergonharam o povo e promoveram prejuízos materiais e morais à municipalidade não podem receber o apoio das pessoas de bem e, muito menos, das pessoas de fé. Que prevaleçam o bom senso e os valores cristãos de nossa gente e que aconteçam mudanças saudáveis, sobretudo nos municípios de nossa região, que tanto têm sofrido nas mãos de políticos corruptos e do mais baixo nível de moralidade.

Pe. Fabrício Beckmann
